

LIFE BEETLES: O CAMINHO DE CONSERVAÇÃO DE ESCARAVELHOS ENDEMICOS DOS AÇORES

O projeto LIFE BEETLES é um projeto de conservação da Natureza cofinanciado pela União Europeia através do Programa LIFE. Tem como objetivo a conservação de três espécies de escaravelhos endêmicos dos Açores, atendendo à sensibilização e envolvimento da população na proteção da biodiversidade. Falámos com Teresa Ferreira, gestora do projeto, para saber mais sobre a iniciativa e os desafios que enfrentam.



Como surgiu o projeto "Life Beetles"?

O projeto Life Beetles surgiu da Diretiva Europeia para a Biodiversidade, na qual há uma aposta na preservação da biodiversidade. Assim, surge um pouco com base numa necessidade, pelo facto de haver várias espécies endêmicas de artrópodes nos Açores recentemente classificadas como "em perigo" ou "criticamente ameaçadas" - no caso do Life Beetles, trabalhamos com três espécies que estão criticamente ameaçadas. Nessa conjuntura, decidi fazer-se um projeto de conservação destas três espécies endêmicas e concorrer ao programa de financiamento "Life" da União Europeia, em que uma das vertentes é direcionada à conservação da natureza. Portanto, a Região Autónoma dos Açores, na qualidade da Secretaria Regional do Ambiente e das Alterações Climáticas, candidatou-se para, dessa forma, intervir em áreas de habitat dessas espécies e realmente conseguir fazer uma conservação ativa destas espécies que são únicas aqui nos Açores - parte do projeto é cofinanciada pela União Europeia e outra parte é cofinanciada pelo Governo Regional.

Qual o papel das três espécies de escaravelhos?

São três espécies que são únicas. Para além de serem endêmicas dos Açores são endêmicas de cada ilha. Temos uma espécie que é endêmica das Flores, o *Tarphius florensensis*, também conhecido como cascudo da mata, que tem um papel de decompositor no ecossistema, ou seja, é uma espécie que ajuda a reciclar os nutrientes da natureza. A espécie endêmica da ilha do Pico é a *Pseudanohomus aptinoides*, de nome comum laurocho. É uma espécie que existia no Pico e em São Miguel, mas devido às várias alterações do uso do solo e à perda de água e de habitat, já há muitos anos que não é encontrada em São Miguel, e, portanto, considera-se que está extinta e que existe só no Pico. É um predador, uma espécie de topo, que contribui para a existência natural das outras espécies, tendo sempre o seu papel no ecossistema. Em relação à espécie existente na ilha Terceira, *Trechus terrabravensis*, de nome comum carcho da terra-brava, é uma espécie que para além de ser

predadora é também decompositora, entra nesses dois papéis no ecossistema. Da mesma forma que as outras duas espécies, tem também um papel ativo na reciclagem e no controlo de outras espécies no ecossistema.

Que ameaças identificam? As alterações climáticas também entram na equação, certo?

Certo. Neste caso é um pouco de tudo. No caso das alterações do uso do solo, elas criam uma perda de habitat. Principalmente aqui nos Açores, uma das alterações que tem ocorrido ao longo dos anos é a criação de pastagens que quebra as zonas de floresta natural. Outra ameaça bastante grande são as espécies invasoras, principalmente de flora invasora. Nos Açores, as ilhas são muito sensíveis porque são locais onde uma espécie invasora consegue tomar rapidamente conta de toda uma área. Agora mais recentemente, as alterações climáticas causam muitos problemas porque, sendo espécies de tamanho muito reduzido, têm condições microclimáticas muito específicas e, por isso, as alterações climáticas estão a criar alterações, principalmente com maiores períodos de seca - sendo espécies de floresta húmida, quanto mais seca, pior. Portanto, são ameaças que estão bastante presentes não só para estas espécies, mas para todas as espécies em geral.

Em que se focam as vossas principais estratégias de conservação?

As nossas ações de conservação concretas incidem principalmente no controlo de espécies invasoras. Uma das espécies que tem causado mais problemas é a conteira (*Hydychium gardnerianum*), uma espécie que tem origem nos Himalaias e que foi trazida, tal como muitas espécies invasoras, porque tem uma flor bonita, é uma espécie que cresce bastante bem e que fácil e rapidamente se espalhou, e é muito resistente. É um dos nossos inimigos, um dos "alvos a abater", digamos assim. Também outra espécie que causa graves problemas é o incenseiro (*Pittosporum undulatum*), uma espécie invasora arbórea que tem também uma rápida dispersão.

Originalmente, foi trazida para os Açores para fazer sebes nas culturas, porque é uma espécie arbórea com um crescimento bastante rápido e que permite então fazer sebes entre parcelas de culturas. Portanto, tornou-se rapidamente um grande problema. Outra espécie que as pessoas não associam tanto como espécie invasora é a hortênsia, que é muito reconhecida como uma espécie dos Açores, mas que na verdade não é nossa. É também uma espécie invasora que se espalha com bastante facilidade e está em todo o lado, podendo realmente causar graves problemas a nível dos ecossistemas.

Outra vertente dos nossos trabalhos de conservação é a renaturalização de habitats degradados na qual temos dois tipos de ação previstos. Um deles é a reconversão de matas de eucalipto abandonadas (que não chegaram a ter uso e ficaram *in situ*) em habitat natural. Uma das nossas ações é realmente remover os eucaliptos, fazendo plantação de espécies endêmicas dos Açores, renaturalizando dessa forma essa área e aumentando o habitat da espécie, neste caso na ilha Terceira. O outro tipo de ação é também uma renaturalização, mas de uma zona de pastagem, ao largo de uma lagoa. Para além de ter o objetivo de recuperar o habitat natural da espécie (da mesma forma com a plantação de espécies endêmicas) também vai ajudar em termos de serviços de ecossistema porque, como é nas margens de uma lagoa, vai ajudar na retenção da água, tendo essa vertente de adaptação às alterações climáticas. Por fim, temos também a criação de corredores ecológicos, as infraestruturas verdes, em que usamos o que se chama de soluções baseadas na natureza, usando materiais naturais como troncos das madeiras, por exemplo, das árvores que retiramos para ajudar a evitar a erosão do solo, mantas orgânicas... Isto são ações ao longo de uma ribeira em que vamos unir dois habitats conhecidos de uma espécie, neste caso da espécie presente nas Flores. Criando estas estruturas, além de criar habitat para a espécie, com remoção de invasoras e plantação de endêmicas, as margens da ribeira onde fazemos as intervenções ficam estáveis e o uso dos troncos permite fazer umas pequenas "casas" para os nossos bichinhos, de forma que eles consigam estender o seu habitat e ligar duas populações de momento separadas, exatamente por causa das alterações do uso do solo.

De que forma fazem a sensibilização e comunicação pública? Têm parceria com os media?

Não temos propriamente uma parceria com os media, mas quando acontece alguma coisa, comunicamos sempre com a imprensa regional que normalmente tem interesse neste tipo de intervenções. Hoje em dia, tentamos cada vez mais chegar ao público através das redes sociais, seja no Facebook, seja no Instagram.

Temos também o nosso website, estão todos convidados a visitar. Temos também várias ações em que fazemos mesmo uma sensibilização a nível local, seja com ações de voluntariado, seja com muitas iniciativas em conjunto com as escolas para trabalhar com os mais novos, exatamente no intuito de sensibilizar para a importância da conservação da natureza e para desmistificar a ideia dos insetos como sendo uns "bichos horrorosos para matar", mostrando a importância que eles têm ao nível dos ecossistemas. Portanto, temos todas essas vertentes em que trabalhamos e tentamos, então, que haja uma sensibilização principalmente para as questões da conservação da natureza.

No vosso site têm uma barra de progresso. Como fazem essa medição e quando estará completa?

A barra de progresso tem a ver com as metas que temos em termos de projeto. O projeto foi definido e há certas metas que temos de alcançar a nível de área recuperada, ao nível de ações de sensibilização, por exemplo. Temos várias metas definidas *a priori* aquando da candidatura do projeto e, portanto, a ideia é chegar ao fim do projeto e ter esse progresso a 100%, o que quer dizer que conseguimos cumprir todos os objetivos e que realmente conseguimos conservar e preservar estas espécies.

Na sua opinião, que previsão faz do estado do planeta e dos Açores em 2030?

Hoje em dia com a questão dos vírus, essa é uma *trick question*. Em termos ambientais, acho que está a haver cada vez mais uma noção de que é preciso realmente preservar o nosso planeta. O que noto é que cada vez mais as gerações mais novas têm isso bastante presente, têm isso em foco e preocupam-se.

Aqui nos Açores, acho que temos tido cada vez mais uma visão de realmente preservar a natureza. Como somos ilhas, por assim dizer, é mais fácil perceber quando as coisas correm mal e quando as coisas correm bem. Tem havido cada vez mais uma aposta na conservação da natureza e isso é evidente não só com este projeto, mas também com outros projetos LIFE a ocorrer de momento, que são exatamente no intuito de conservação da natureza. Portanto, vejo os Açores em 2030 num bom caminho para ser uma das áreas "top" em termos de preservação da natureza.



www.lifebeetesazores.com/
www.facebook.com/LIFE.BEETLES/
www.instagram.com/lifebeetes/